

INDISCIPLINA EM SALA DE AULA NA VISÃO DE EDUCADORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS-GO

INDISCIPLINE IN THE CLASSROOM FROM THE VIEW OF EDUCATORS AT A PUBLIC SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF QUIRINOPOLIS-GO

Maria Alice Borges Santos⁸⁵

Priscila Siqueira⁸⁶

Gilson Xavier de Azevedo⁸⁷

RESUMO: Este trabalho é de caráter teórico-empírico e descritivo-interpretativo, o mesmo tomará a indisciplina como objeto de estudo. Os sujeitos desta pesquisa são os educadores de 1º a 5º ano da Instituição de Ensino Escola Municipal Polo Rural Lino Gedeão de Quirinópolis – Goiás. Neste estudo, optou-se pelo questionário como instrumento de coleta de dados. Como foco se tem a questão considerada abrangente por desvelar a crença do que seja indisciplina. Olhando a relação professor-aluno como fator determinante para as expressões de indisciplina em sala de aula, já tem sido salientado por pesquisadores do tema. Com o aporte dos seguintes autores: AQUINO (1996), FREIRE (1996), GARCIA (1999), TIBA (2006), ZAGURY (1995) entre outros. Esta pesquisa se deu pela necessidade de entender o que se passa dentro de uma sala de aula que leva aos rumores constantes de indisciplina. Assim indisciplina escolar é um sintoma de que algo não vai bem, se há conflitos, a falhas os resultados apontados mostraram que a relação estabelecida entre educador e educando na maior parte das vezes é a falta de cumplicidade entre os mesmos. Promover uma mudança de olhar em relação à indisciplina, estudar conceitos de desenvolvimento moral e ético e adotar como conhecimentos necessários ao processo educacional. O aumento da indisciplina dentro e fora das salas de aula é uma afirmativa comum entre os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental. As diversas formas de organizações sociais dos alunos e a relação com o processo de aprendizagem são fatores que interferem na dinâmica da sala de aula. As causas familiares da indisciplina levam a pensar que os educandos adquirem os modelos de comportamento que exteriorizam na sala de aula.

Palavras chave: Indisciplina; Escola. Alunos. Professores. Família.

ABSTRACT: This work is of a theoretical-empirical and descriptive, interpretive, it will take discipline as an object of study. The subjects are the first educators to 5th year of the Institution of Rural Education School District Polo Lino Quirinópolis of Gideon - Goiás this study, we chose the questionnaire as a tool for data collection. Has focused on the issue considered by unveiling a comprehensive belief that what is indiscipline. Looking at the teacher-student relationship as a determining factor for the expressions of indiscipline in the classroom, as has been pointed out by researchers of the subject. With the contribution of the following authors: AQUINO (1996), FREIRE (1996), GARCIA (1999), TIBA (2006), ZAGURY (1995) among others. This research was due to the need to understand what goes on inside a classroom that leads to persistent rumors of indiscipline. So school discipline is a symptom that something is wrong, if there are conflicts, the results pointed to failure showed that the relationship established between teacher and student in most cases is the lack of complicity between them. To promote a shift of focus in relation to discipline, studying concepts of moral and ethical knowledge and adopt as necessary to the educational process. The increase of indiscipline within and outside the classroom is a common assertion among the educators of the early years of elementary school. The various forms of social organizations and students' relationship with the learning process are factors that affect the dynamics of the classroom. The causes of indiscipline family suggest that the students acquire the behavior patterns that displayed in the classroom.

Keywords: Indiscipline; School. Students. Teachers. Family.

⁸⁵ Graduada em Pedagogia pela UEG 2011 (maryalia.borges@hotmail.com).

⁸⁶ Graduada em Pedagogia pela UEG 2011 (prysiqueira@hotmail.com).

⁸⁷ (Orientador) Pós-doutor em Educação pela PUC-GO (2020) – e-mail: gilson.azevedo@ueg.br.

INTRODUÇÃO

O aumento da indisciplina dentro e fora das salas de aula é uma afirmativa comum entre os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental. A questão indisciplinar é muito complexa porque as visões de conceito do que seja indisciplina em sala de aula são divergentes e cada um tem uma ideia adversa.

Dada à complexidade do fenômeno Veiga (1995, p. 56-57) acrescenta ainda que os alunos percebidos como mais indisciplinados tendem a ser mais castigados e desvalorizados, recebem menos realimentação e são alvos de críticas negativas por parte do educador, o que provoca comportamentos mais agressivos, menos autoestima escolar e menos atenção, ao invés os educadores demonstrarem mais compreensão e menos autoridade para os educandos que supõem comportarem-se adequadamente.

As diversas formas de organizações sociais dos alunos e a relação com o processo de aprendizagem são fatores que interferem na dinâmica da sala de aula. O trabalho do educador realizado em sala de aula, sua relação com os alunos são influenciadas pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura. É justamente nesse cenário que Cunha (2004, p. 30-55) diz:

REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

Analisar as relações que acontecem entre professores e alunos apenas usando como referência o campo psicológico ou afetivo é, no mínimo, um comportamento ingênuo. Elas acontecem no palco de uma sociedade e, portanto, são profundamente marcadas pelas condições sociais.

Nesse sentido, os educadores deverão estar preparados para identificar e buscar o envolvimento de alunos com dificuldades em sala de aula e motivá-los a vencer os obstáculos propostos, promovendo um verdadeiro encontro participativo entre eles, de forma a transformar a sala de aula em uma organização social.

Segundo Aquino (1996, p. 98), a “tarefa de educar, não é responsabilidade das escolas, é tarefa da família”, pois ao educador cabe repassar seu conhecimento acumulado. O autor ainda diz que a solução “pode estar na forma da relação professor-aluno, ou seja, a forma que suas relações e vínculos se estabelecem”, aponta também que a solução “pode estar no desenvolvimento de resgate da moralidade discente por meio da relação com o conhecimento” tal conhecimento deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade.

Ao contrário do que acontecia no passado os educandos passaram a ser o centro do processo de aprendizagem, no qual seu desenvolvimento social e sua formação passaram a serem prioridades do contexto educacional. Contudo, houve mudanças na relação do educador



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

e do educando e na própria visão da instituição de ensino, com isso a relação dentro da sala de aula acontece diferentemente da perspectiva do educador como o centro do trabalho de ensino-aprendizagem. De acordo com Aquino (1996, p. 39-55):

A indisciplina é um problema indisciplinar e não está relacionada apenas a pedagogia. A indisciplina vai além do âmbito didático-pedagógico, precisa ser tratada pelo maior número de áreas das Ciências da Educação, além desse caráter interdisciplinar e transversal.

O autor ainda defende a necessidade de um olhar sócio-histórico do fenômeno, pois a escola não pode ser encarada como uma instituição independente e autônoma em relação ao contexto histórico, ou seja, o que ocorre em seu interior tem articulação aos movimentos exteriores a ela e as práticas escolares são reflexos das transformações históricas da sociedade.

De acordo com resultados escolares e comportamentos habituais, o educador divide seus educandos e atribuem-lhes certas qualidades. O educando que não tem dificuldades preenche as expectativas do educador, sente-se estimulado e apoiado.

O oposto de quando apresenta dificuldades de aprendizagem e o educador deixa transparecer um espaço entre eles, de pouco caso ou indiferença deste, distancia-se em relação a ele ou se fecha sobre si próprio ou ainda se expõe por meio de manifestações hostis.

As causas familiares da indisciplina levam a pensar que os educandos adquirem os modelos de comportamento que exteriorizam na sala de aula. Por outro lado, todos os educandos podem ser considerados potencialmente indisciplinados, porque a escola é sempre sentida como uma imposição por parte do Estado ou da família. É por isso que as aulas são locais de constrangimentos e de repressão de desejos. Afonso (2006, p. 93) afirma que:

Se existir uma intervenção atentada daquilo que consideramos como indisciplinas poderão como profissionais da educação, minimizar os seus efeitos e evitar o seu alastramento, impedindo que a indisciplina atinja a sua face mais grave o vandalismo e a violência.

Certas manifestações de indisciplina, não passam muitas vezes de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamentos característicos de certos grupos ou gangues. Por meio das manifestações os educandos procuram obter a segurança e a força que lhes é dada pelos receptivos grupos, adquirindo certo prestígio no seio da comunidade escolar.

Segundo Tiba (2006, p. 154) muitos distúrbios de conduta e a inconstância dos alunos são causados por oscilações da auto-estima. Ou porque ela esta alta demais e ultrapassa os limites estabelecidos ou porque está baixa demais e nem sequer se manifesta, seguindo a massa



reinante. Esses distúrbios provocam atitudes em sala que se manifestam em forma de indisciplina causando mal estar nos educadores que por diversas vezes não sabem como lidar com esses problemas.

A verdade que a disciplina é um termo muito genérico e, quando se refere à escola, somos levados a reproduzi-la à indisciplina dos alunos e à punição deste no sentido de contê-lo para torná-lo obediente, passivo, restaurando à tão propagada disciplina que nesse caso significa a manutenção da ordem estabelecida. A indisciplina pode ser gerada por imposição de conduta ou por excesso de autoritarismo em sala com regras excessivas.

Segundo Tiba (1996 p. 150-151) a sociedade não ensina e sim fornecem meios e regras. A disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo: pressupõe a existência do disciplinador e do disciplinado em função de um objetivo, num determinado contexto.

[...] uma regra pode variar conforme a hora, o lugar e as pessoas envolvidas. [...] Disciplinar é um ato complementar, isto é, depende das características pessoais do disciplinador e do disciplinado. Portanto, diferentes professores conseguirão diferentes resultados com uma mesma classe. A recíproca é verdadeira: diferentes classes promoverão diferentes comportamentos num mesmo educador.

Percebe-se, pois, certa indefinição sobre o que é ou não permitido, sobre o que é ou não aceito, em parte isso ocorre porque não há um código ético "universal" que estabeleça padrões morais normatizadores da ação humana. De La Taille (1998, p. 14) reporta "não é a pura maturação biológica que explica o desenvolvimento, mas sim as múltiplas interações com o meio físico e social".

A falta de parâmetros, de referências morais e éticas na educação evidencia, portanto, a ausência de diretrizes normativas e valorativas que permitam a constituição de uma educação moral sólida o que, em conseqüência, dificulta a ação dos educadores, pais e educandos. Assim, cabe ao educador identificar as causas do bloqueio escolar que impedem o educando de utilizar o seu potencial intelectual, diz Postic (1995, p. 29): "criar condições psicossociológicas da sua aprendizagem e de dotá-los de utensílios que os conduzam a aquisição de competências e a construção de novas estruturas cognitivas".

Na perspectiva de compreender o conceito de indisciplina em sala de aula, tem-se como foco o problema da indisciplina estar presente no contexto escolar e estar gerando discussões entre educadores e pais. A revolta dos alunos contra as normas impostas pela escola; como os educadores estão procedendo com a intolerância. Considera então como problema central a visão que o educador tem de conceitos essenciais (disciplina, indisciplina, limites, maturidade infantil).

A questão da socialização da criança, qual o papel da escola e qual o da família. A indisciplina está no contexto familiar e escolar, para mudar a perspectiva em relação à indisciplina em sala de aula, sabendo que é imprescindível que a escola se responsabilize cotidianamente por garantir um ambiente de cooperação, em que o valor humano, o respeito, a dignidade e a integridade marquem as relações.

Essa conquista pode se dar por meio de um percurso de formação continuada para toda a equipe escolar, ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que conflitos de falta de disciplina sempre vão ocorrer e não é possível esperar o fim da formação para resolvê-los.

1 HISTORICIDADE E CONCEITOS

1.1 Historicidade

Historicamente a indisciplina pode ser concebida como uma técnica de exercício de poder, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Nesse sentido falar de indisciplina em sala de aula é evidenciar o não cumprimento de regras pré-estabelecidas nas unidades de ensino.

Na Idade Média chamou-se “disciplina” uma unidade curricular ou a uma arte. Assim disciplinado era o indivíduo instruído ou regrado e “indisciplinado” aquele que era inculto ou moralmente desordenado. No século XIX, aplicou-se o termo “disciplina” ao regulamento ou regra de conduta. Trata-se de um vocábulo polissêmico e de certa forma ambíguo, muito dependente de contextos e fatores sócio-político-culturais.

O conceito de indisciplina escolar aparece na literatura acadêmica a partir da década de 80, tal conceito de indisciplina foi sendo considerado de diversas maneiras, em diferentes momentos e lugares, porém ela não surgiu isolada no ambiente da escola e ao longo do tempo, vem demonstrando algumas relações com a organização escolar, com as práticas pedagógicas e com a autoridade do docente. E ainda que os educadores não estejam preparados para superá-la a indisciplina na sala de aula é um de seus principais desafios que perpassa a escola, como retrata Afonso (1991, p. 22): “a escola, como organização que é só pode constituir-se e, portanto, também sociologicamente entender-se, enquanto contexto social atravessado por relações de poder”.

A indisciplina é um gerador de um ambiente social negativo e um obstáculo à afirmação de que a Instituição de Ensino seja a difusora dos valores do conhecimento e do saber, da cidadania e da responsabilidade.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

A origem dos ditos comportamentos indisciplinados pode estar em diversos fatores ligados a questões relacionadas ao educador, principalmente em sala de aula, outros centrados na família do educando, outro ainda encontrado no próprio educando, outros gerados no processo pedagógico educacional e outros alheios ao contexto escolar.

Dada abrangência, a autora Silva (2001, p. 11) chama a atenção para a importância de se conhecerem as razões que originam a indisciplina já que o aluno atua influenciado por determinados objetivos. A mesma acrescenta que “[...] o comportamento é considerado indisciplinado ou não conforme o contexto em que ocorre bem com as perspectivas de quem o observa e de quem o adota. Daí a importância da sua contextualização”.

No caminho da história, a educação passou por diversas transformações, indo desde o autoritarismo exagerado de alguns educadores ao excesso de liberdade por parte de outros, o que pode ter dificultado em muitas vezes o bom desenvolvimento das aulas, influenciando diretamente no ato pedagógico da sala de aula e no processo ensino-aprendizagem, podendo ter provocado com isso a indisciplina escolar.

Nesse sentido, Vasconcellos (1995, p. 45) afirma que o educador necessita demonstrar autoridade nos domínios: *intelectual* - ser capaz de refletir, não ser autoritário, dogmático, nem fechado; ser capaz de rever os pontos de vista; demonstrar inteligência no trato com a realidade, apreender o seu movimento, ir além do senso comum; *ético* - ter princípios, estabelecer parâmetros e ser coerente, revelar senso de justiça, apresentar traços de firmeza de caráter; tem compromisso com o bem comum; *profissional* - ser competente; ter domínio da matéria e da metodologia de trabalho; empregar com segurança os conceitos e técnicas; ser interessado; demonstrar ânimo no que faz; preparar muito bem suas aulas; estar atualizado; *humano* - ser capaz de perceber e respeitar o outro como pessoa.

Em pleno terceiro milênio, esta se aprendendo a praticar a democracia, pois é inconcebível que, diante de tamanhas transformações tecnológicas, científicas, sócio-políticas e culturais continua-se com uma forma arcaica, centralizadora e autoritária de fazer educação.

Os tempos de hoje exigem valorização dos espaços escolares e autonomia para o crescimento dos mesmos. Por isso faz-se necessário programar nas instituições educacionais a gestão escolar democrática onde professores, pais, alunos e funcionários possam manifestar seu pensamento, sugerir, questionar, participar e elaborar juntamente com os gestores educacionais as regras de boa convivência na sala de aula e na unidade escolar. E na mesma linha de pensamento Postic (1995, p. 20) diz que é: “fundamental que o educador examine os acidentes

no percurso de aprendizagem, bem como a ausência de pré-requisitos, acidentes cognitivos e acidentes afetivos ligados a experiências passadas”.

Na verdade a sociedade espera que a sala de aula transforme o educando a uma plena submissão, doutrinação, de seleção natural, de domesticação. Cabe ao professor procurar resgatar valores deixados de lado que muitas não são ensinados mais e estar aberto a valores emergentes, pelo fato das necessidades colocadas pelas contradições sociais existentes, políticas, econômicas e culturais.

A relação existente entre o educador/educando tem dificultado às vezes este processo de ensino/aprendizagem, esta relação parece que nunca estiveram tão difícil, os educadores parecem se sentirem de certa forma, impotentes ou incapazes de resolver determinada situação.

Enquanto o educador se serve de todo um sistema de gratificações e punições para fazer prevalecer os seus interesses, também há o educando, que gratifica seus educadores pela ordem e participação e pune pelos seus comportamentos, não participando e pela imposição de sua personalidade. Freire (2008, p. 22) enfatiza:

É preciso, sobretudo, um desses saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.*

Atualmente começam a adquirir maior importância os problemas de indisciplina nas salas de aula, pois está comprometendo a qualidade da relação pedagógica entre professor/aluno, dificuldade esta que impede o desenvolvimento do trabalho e do estudo.

Ao iniciarem sua vida escolar a criança vai começar um intenso processo de socialização, deparando-se com uma organização escolar que lhe é desconhecida e com uma variedade de regras que serão interiorizadas e cumpridas a fim de possibilitar uma relação de convivência.

E acontece, porém, que a prevenção à indisciplina escolar é hoje uma preocupação constante e comum a todos os membros que compõem a estrutura interna de um estabelecimento de ensino. Por sua emergência no âmbito escolar e diante de interações entre fatos sociais e a educação, urge a necessidade de se preocuparem com as atitudes de todas as pessoas que fazem parte de uma rotina escolar, compreendendo as relações presentes nos atos da indisciplina que ocorrem no meio escolar e fora dele, apontando assim ações que visem a sua erradicação em nível pedagógico e administrativo. Arroyo (1995, p. 36) afirma:



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

face ao professor, o ambiente escolar inadequado, as metodologias inadequadas face às necessidades dos alunos, a imaturidade dos alunos, a necessidade de libertação de tensões e energias sentidas pelos alunos, stress do professor, a luta pelo poder e ainda fatores de índole fisiológica”, ou seja, desafio às regras de produção, conflitos inter-pares e conflitos da relação professor-aluno.

A sociedade convive com mudanças sociais, políticas, tecnológicas e culturais frequentes que desafiam a escola a repensar suas práticas pedagógicas, aliada a essas mudanças, a indisciplina nas salas de aula tem se tornado um problema tanto para o contexto escolar quanto a sociedade, com suas diferentes manifestações, crescimento descontrolado e assim assustando os gestores escolares e os pais, por se constituir um entrave nas relações sociais e educacionais.

Na verdade, a importância de se analisar o agir dos educandos, educadores e da escola nas suas relações com o contexto social, pois é essa interação que vai construindo as dimensões a serem analisadas quando se estuda a dinâmica expressa no cotidiano escolar.

Analisando a indisciplina sob visão psicológica, Tiba (1996, p. 117) diz que “muitos motivos podem levar um educando a não se comportar de forma adequada em atividades que necessitem de uma integração funcional com outras pessoas”. Entre esses motivos, relacionam-se características pessoais e relacionais do educando e distúrbios e desmandos do educador.

No que diz respeito às características pessoais, o autor relaciona distúrbios psiquiátricos, neurológicos, deficiência mental, distúrbios de personalidade, distúrbios neuróticos, as próprias etapas de desenvolvimento da adolescência, síndromes do quinto ano, distúrbios normóticos e distúrbios de comportamento que incomodam poucos. As características relacionais se referem a distúrbios entre os próprios colegas e distorções de autoestima.

No tange Freire (1996, p. 96) “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Caracterizar a indisciplina é uma tarefa difícil diante da diversidade de opiniões dos teóricos da Educação. A sala de aula é como uma teia de relações, no entanto, existem educadores que não conseguem perceber a necessidade deste bom relacionamento educador-educando o que faz com que os conflitos sejam concentrados no educador ou em alguns educandos.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Certos comportamentos por outro lado podem ser considerados por alguns educadores como indisciplina, enquanto que, para outros correspondem apenas a um excesso de vitalidade. Assim, a suposta indisciplina não estaria no aluno, sendo na realidade um sintoma de uma escola incapaz de gerir e administrar novas formas de existência social concreta, que surgem no seu interior, em decorrência das transformações do perfil de seus educandos.

É necessário que entre educador e educando estabeleça-se uma forma de comunicação, esta se faz necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente para ambas as partes, Vasconcellos (2003, p. 58) diz:

O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referencia (seja para ser seguido ou contestado), mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outro bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou se quiserem, aprende-se a aprender.

A indisciplina na sala de aula também pode ter relação com o fraco rendimento escolar dos educandos, seu insucesso pode levá-los a investirem pouco nos conteúdos escolares e a desinteressarem-se pela escola, desencadeando emoções negativas, traduzidas em comportamentos inadequados. Para Freire (1998, p. 35) as crianças populares brasileiras não evadem da escola porque querem. Estas crianças são expulsas da escola, não obviamente porque esta ou aquela educadora, por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa estes ou aqueles educandos ou os reprove.

A indisciplina é própria do aluno desprezado pelo professor. Encontrar um caminho para solucionar ou amenizar a indisciplina, implica em uma mudança da cultura educacional. Trabalhar o desenvolvimento da solidariedade, da tolerância, da habilidade de conviver com perdas e frustrações, estes alunos são chamados de alunos-problema.

Contudo, nem todos os educandos que passam pela escola se comportam conforme as normas estabelecidas, muitos deles rejeitam os objetivos ou os procedimentos valorizados pela escola e pela sociedade, sendo o seu comportamento visto como indisciplinado. Desse modo, a escola ao não conseguir realizar a socialização comportamental, cria situações de indisciplina nos seus educandos. Sob este enfoque Gotzens (2003, p. 22):

[...] Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgidos, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar.

Ao contrário do que acontecia no passado, os educandos passaram a ser o centro do processo de aprendizagem, no qual seu desenvolvimento social e sua formação passaram a ser prioridades do processo educacional. Entretanto, houve mudanças na relação professor-aluno e na própria visão da escola, com isso as relações dentro das salas de aula acontecem diferentemente da perspectiva do professor como centro do trabalho ensino-aprendizagem.

A esse respeito, é interessante ressaltar quando Cunha (2004, p. 30-55) diz que, analisar as relações que acontecem entre professores e alunos apenas usando como referência o campo psicológico ou afetivo é, no mínimo, um comportamento ingênuo.

Elas acontecem no palco de uma sociedade e, portanto, são profundamente marcadas pelas condições sociais. As diversas formas de organizações sociais dos alunos e a relação com o processo de aprendizagem são fatores que interferem na dinâmica da sala de aula. O trabalho do educador realizado em sala de aula, sua relação com os alunos é influenciada pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura.

Nesse sentido, os educadores deverão estar preparados para identificar e buscar o envolvimento de alunos com dificuldades em sala de aula e motivá-los a vencer os obstáculos propostos, promovendo um verdadeiro encontro participativo entre eles, de forma a transformar a sala de aula em uma organização social.

Desta ótica, Pimenta (2008, p. 97) diz que a tarefa da educação é inserir as crianças e os jovens tanto no avanço civilizatório, para que dele usufruam como na problemática do mundo de hoje, por intermédio da reflexão, do conhecimento, da análise, da compreensão, da contextualização, do desenvolvimento de habilidades e atitudes.

Portanto, sua tarefa é garantir que se apropriem do instrumental científico, técnico, tecnológico, de pensamento, político, social e econômico, de desenvolvimento cultural para que sejam capazes de pensar e gestar soluções.

Todo aluno precisa ser considerado importante e perceber sua importância, assim como a da aprendizagem para sua formação. Para tanto, o professor pode utilizar do artifício de dar responsabilidade ao mesmo para que esse se sinta valorizado e passe a participar da produção das atividades em sala de aula ou fora dela.

Outro elemento preventivo relevante na indisciplina é a adoção da modalidade de tutoria. Sendo assim, uma via polivalente de enorme interesse em que cada professor adota

como tutor uma turma ou indivíduos de uma sala de aula ou da escola. Segundo Gotzens (2003, p. 66):

As tutorias são aplicadas mediante a ação coletiva e individual com os alunos ao longo da sua escolaridade, que incumbe logicamente ao professor-tutor, sendo que este último deve zelar pela harmonia entre alunos, pais e pais.

Consequentemente há educadores que não compreendem que os educandos tidos como indisciplinados, podem inconscientemente trazer de casa problemas pessoais e ou psicológicos. Assim eles chamam a atenção dos professores causando perturbações em sala e atrapalhando o desenvolvimento das aulas. Para a escola, o ato indisciplinado é entendido como sem relação com as leis e normas estabelecidas por uma comunidade, um gesto que não cumpre o prometido, ocorrendo assim, uma desordem naquilo que estava prescrito.

2 A QUESTÃO DA (IN)DISCIPLINA NOS CONTEXTOS ESCOLAR E FAMILIAR

A questão da indisciplina não é um problema recente, mas parece ter se tornado um dos maiores desafios atuais da prática docente. É frequentemente centralizada no aluno, sem se atentar para o dia-a-dia de família/escola, onde as causas da indisciplina estão entrelaçadas. É necessária uma análise deste contexto e dos papéis e responsabilidades de seus atores: pais, professores e alunos. Segundo Garcia (1999, p. 102):

[...] a indisciplina no contexto das condutas dos alunos, dentro ou fora da sala de aula, nas diversas atividades pedagógicas, a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola e também considerar a indisciplina contextualizada o desenvolvimento cognitivo desses alunos.

Não é possível responsabilizar a família dessas crianças, ou determinar um “culpado”, embora as novas formas em que estão organizadas as famílias possam representar uma pista de que algo não vai bem. Outra consequência desta configuração familiar moderna são pais ansiosos por compensar sua falta, dando aos filhos uma liberdade sem fronteiras, deixando as crianças sem parâmetros entre o que é correto e o que não é, gratificam excessivamente os filhos, que, por sua vez, acabam desenvolvendo uma baixa tolerância à frustração e chegam à escola, muitas vezes o único lugar onde podem expressar-se, com dificuldades em aceitar regras.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

A escola, na grande maioria, continua ocupando uma postura de repassadora de conteúdos, numa relação ditatorial que desconhece as necessidades dos alunos, ignorando que eles fazem parte da era da informação, com toda a tecnologia moderna ao seu alcance, o que justifica a necessidade da escola de reciclar-se, incluindo o uso de novos recursos, por exemplo, para que as aulas deixem de ser enfadonhas e passem a ser interessantes e provocativas.

A visão que se tem atualmente é da indisciplina enquanto fenômeno de aprendizagem. Desta forma, aquele aluno considerado indisciplinado não o é somente por haver rompido com regras da escola, mas porque não está desenvolvendo suas possibilidades cognitivas, atitudinais e morais Garcia (2002 p. 375-381).

A indisciplina escolar não envolve somente características encontradas fora da escola, como problemas sociais, sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, além de conflitos nas relações familiares, mas também aspectos envolvidos na escola, como a relação professor-aluno e a possibilidade de o cotidiano escolar ser permeado por um currículo oculto, entre outros.

Fazer prévios levantamentos sobre a vida extra-escolar dos alunos, também contribui para o equilíbrio necessário de situações diversas que geram a indisciplina em sala de aula, como, por exemplo, se o contexto sócio-econômico é um fator que interfere nas atitudes disciplinares dos alunos, os conflitos familiares (histórico familiar), uma vez que tais áreas podem ocasionar problemas que interfiram no processo disciplinar da sala de aula.

Portanto, a indisciplina nos dias atuais deve ser vista como um "fenômeno interativo que ocorre no contexto de sala de aula". Amado (2001 p.17). Dessa forma, a indisciplina escolar está intimamente ligada a tudo que diz respeito ao ensino, aos objetivos, às práticas e perspectivas que a orientam. Contudo Curto (1998, p. 34) diz:

A indisciplina relacionada a uma interpretação do poder nos oferece um entendimento que varia de acordo com a interpretação que é dada à indisciplina em sala de aula, pois o que pode ser indisciplina para um professor pode não ser para outro.

Colocando como uma última situação em análise embora se ressalte que o assunto por aqui não se esgota, devem-se examinar os níveis de integração entre as partes competentes que criam o universo escolar propriamente dito, quanto ao empenho em explorar mais o assunto, em planejar, analisar, discutir, avaliar e executar ações à altura das exigências que o caso requer. A indisciplina também tem se tornado uma fonte de reflexão e um possível vetor de mudança nas escolas Garcia (2006, p. 123).



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

No entanto, é importante ressaltar, que os resultados advindos deste trabalho necessitam de tempo para se concretizar, porque a mudança não vai ocorrer de imediato, é um processo que exige leituras geradoras de iniciativas, formalizando aproximações sucessivas, sendo importante valorizar os passos dados, por menores que estes sejam sob a atitude de que, quanto mais participativo for o processo, mais crescem as possibilidades de dar certo.

2.1 O papel da escola na formação do indivíduo

A escola é um espaço de multiplicidades, onde diferentes valores, experiências, concepções, culturas, crenças e relações sociais se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Essa rica heterogeneidade que permeia a escola acaba por se confrontar com uma estrutura pedagógica que está baseada num padrão de homem e de sociedade, que considera a diferença de forma negativa, gerando assim uma pedagogia excludente.

É preciso levar em conta o sujeito concreto, contextualizado no tempo e no espaço – professor e aluno – atuante no cenário educativo, que pensam, sentem, sofrem, amam e criam. O sujeito é um espaço de singularidade, gestado no conflito, nas diferenças, no heterogêneo.

A afetividade é o território das emoções, das paixões e dos sentimentos; a aprendizagem, território do conhecimento, da descoberta e da atividade; organizam-se em fenômenos complexos e multideterminados, definidos por processos individuais internos que se desenvolvem por meio do convívio humano.

Ter a afetividade e a aprendizagem como tema implica enveredar por um caminho intrigante que envolve processos psicológicos difíceis de serem percebidos e desvendados. Por sua vez as práticas educativas como afirma Freire (1996, p. 46) “devem desenvolver um caráter formador, propiciar relações, treinar a experiência do ser social que pensa que comunica que tem sonhos que tem raiva e que também ama.”

Baseado nessa filosofia o aluno deve dar a devida importância à parte social de um educando, porque é nela que a indisciplina pode desabrochar-se. O professor democrático não pode esquecer que ensinar não é somente transferir conhecimentos, mas transformar o autoritarismo em autoridade conquistada. A sala de aula é um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade e heterogeneidade de ideias, valores e crenças.

No ambiente escolar, as principais queixas dos professores relativamente à indisciplina são: falta de limite dos alunos, bagunça, tumulto, mau comportamento, desinteresse e desrespeito às figuras de autoridade da escola e também ao patrimônio; alguns professores



apontam que os alunos não aprendem porque são indisciplinados em decorrência da não imposição de limites por seus familiares; o fracasso escolar seria então o resultado de problemas que estão fora da escola e que se manifestam dentro dela pela indisciplina; de acordo com esses professores, nada pode ser feito enquanto a sociedade não se modificar.



Para falar de indisciplina, inicialmente se faz necessário reportar ao termo disciplina, pois os dois estão intimamente relacionados. Em contato com a escola, se encontra frequentemente nos discursos dos professores a noção de disciplina num de seus significados mais antigos: como regra, ordem, limite e até práticas de controle comportamental Garcia (2006, p. 70).



O professor, assim como os pais, também perdeu a autoridade educacional inerente à sua função. Quanto maior a perda, mais anárquica tornou-se a sala de aula. As instituições de ensino, cuja tarefa é introduzir as crianças nas normas da sociedade, muitas vezes se omitem.



É preciso recuperar a autoridade fisiológica, o que não significa ser autoritário, cheio de desmandos, injustiças e inadequações. É essencial à educação saber estabelecer limites e valorizar a disciplina. Segundo Tiba (2006, p. 24):



REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

E para isso é necessária a presença de uma autoridade saudável. E o segredo que diferencia o autoritarismo do comportamento de autoridade, adotado para que outra pessoa se torne mais educada ou disciplinada, está no respeito à auto-estima.



A indisciplina é plural, tanto no conceito quanto em suas causas, expressões e implicações no universo escolar. Não apresenta uma causa única, e suas diferentes causas poderiam ser reunidas em dois grandes grupos gerais: um deles relacionados ao que denomina causas internas, e outro associado às causas externas a escola.



Entre as causas internas podem ser destacadas: as condições materiais nas quais ocorrem o processo ensino aprendizagem, os relacionamentos interpessoais, o ambiente escolar, o perfil do aluno e a relação professor-aluno.



Entre as causas denominadas externas podem ser consideradas os seguintes aspectos: ambiente familiar, violência social e a influência exercida pelos meios de comunicação. Garcia (1999, p. 104) diz: “As diferentes causas, relacionadas nos dois grupos, interagem de tal forma que seria reducionismo tentar pensar a indisciplina escolar a partir de uma única causa ou agente”.



Similares ao modelo da escola tradicional que os professores tinham em sua prática pedagógica o papel de detentor de conhecimento, e onde os alunos deveriam permanecer

calados, quietos, obedecer a regras impostas. Ou seja, parece que esse modelo de escola na verdade ainda é idealizado e buscado por muitos professores nos dias atuais.

Assim, uma nova noção de (in) disciplina deveria surgir, acredita-se que as instituições escolares e seus professores precisam superar a noção de indisciplina apenas como uma questão de comportamento, e passar a considerar o aluno, em sala de aula, sob uma perspectiva psicopedagógica mais complexa Garcia (2002, p. 376).

Além disso, essa noção de disciplina somente como controle fornece uma leitura da relação professor-aluno, que parece tornar invisíveis ou não essenciais diversos aspectos que parecem importantes a considerar, e que se pretende explorar nesse trabalho.

Condutas como essas estão sendo observadas em uma escola pública. Podendo se afirmar que no mundo atual, a maioria das escolas enfrenta estas questões, que perduram há anos, sofrendo obviamente alterações históricas de acordo com as contingências sócio-culturais. Assim, porém a indisciplina como um problema e “uma fonte de estresse nas relações interpessoais” Garcia (1999, p. 101).

Atualmente a indisciplina tornou-se um “obstáculo” ao trabalho pedagógico e os professores ficam desgastados, tentam várias alternativas, e já não sabendo o que fazer, chegam mesmo em algumas oportunidades a pedir ao aluno indisciplinado que se retire da sala de aula, já que ele atrapalha o rendimento do restante do grupo. Nesses casos, os alunos são encaminhados ao Serviço de Orientação Educacional. Muitas vezes há pressões por parte dos professores para que sejam aplicadas punições severas a esses estudantes.

De modo similar, a indisciplina pode ser considerada como resultante do processo de interação professor-aluno, que possuem expectativas, percepções e opiniões próprias, sendo que ambos podem apreender as situações de formas diferentes, podendo haver um desencontro de expectativas Amado (2001, p. 34-35).

Compreender com esses autores, que as expectativas e as formas diferentes de ver a realidade, presentes no relacionamento de professores e alunos podem realmente indicar a gênese da indisciplina em sala de aula, o que se acrescenta é a visão da tipologia de cada um interferindo no processo.

A percepção que um professor tem de seu aluno, pode não ser a mesma que seu colega, sendo a indisciplina um fator subjetivo, com professores lidando com formas diferentes a mesma situação, Curto (1998, p. 17). Essas diferenças de olhares e relacionamentos que se acredita ser possível analisar utilizando os tipos psicológicos como base teórica, pois eles



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Buscando novos olhares sobre a indisciplina, podem-se visualizar suas expressões como desafios capazes de indicar a necessidade de uma mudança de paradigma. Esse argumento sugere a importância dos educadores reverem teorias e práticas relacionadas à indisciplina, avançando de práticas repressivas utilizadas até então, e buscarem novas formas de relacionamento com seu aluno.

Dentro dessa visão, em busca de uma definição mais contemporânea de indisciplina, se destacam a proposta por Garcia (1999, p. 102) [...] define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

Mostrar como pode ser útil na compreensão do fenômeno da indisciplina em sala de aula, a partir do relacionamento estabelecido entre professor-aluno. O livro “Tipos Psicológicos” de Carl Gustav Jung foi publicado em 1921. Nesta obra Jung distinguiu duas formas de atitude ou disposição: extroversão e introversão, e quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição.

A introversão e extroversão segundo Jung (1991, p. 316) “[...] se distinguem por seu comportamento peculiar em relação ao objeto”. Na introversão o enfoque é dado ao sujeito, na extroversão o enfoque é dado ao objeto. O introvertido tem como sua orientação os fatores subjetivos. Tem uma postura reservada, hesita antes de agir, preferindo a reflexão à ação.

O extrovertido tem como sua orientação o objetivamente dado. Tem como interesse e atenção os acontecimentos externos, pessoas e coisas. Busca a ação e o contato com as pessoas Zacharias (2006, p. 58-61). As atitudes introversão e extroversão, isoladamente, não são suficientes para determinar o tipo psicológico de um indivíduo.

O pensamento e o sentimento são chamados de funções racionais porque ambos exigem um ato de julgamento. A sensação e intuição são chamadas de funções irracionais porque estão além da razão, a apreensão do mundo baseia-se na percepção de fatos dados. As funções psicológicas, de acordo com Jung (1993, p. 61): [...] correspondem às quatro formas evidentes, por meio das quais a consciência se orienta em relação à experiência. A sensação (isto é, a percepção sensorial) diz que alguma coisa existe; o pensamento mostra o que é esta coisa; o sentimento revela se ela é agradável ou não; e a intuição dirá de onde vem e para onde vai.

A indisciplina está relacionada em grande parte dos crimes que presenciamos atualmente, conforme dizem os grandes estudiosos citados neste trabalho que o responsável

maior é a família, pois na ânsia de dar aos filhos melhores condições de vida do que aquelas que foram criados causam mal aos filhos com a permissividade excessiva.

Isso faz parte das mudanças sociais contemporâneas, Tiba (2006 p. 33) afirma que a Escola não pode se responsabilizar por um papel que não é dela. Ela tem que fazer sua parte sim, porém a família também deve fazer a sua e os filhos também.

É importante ressaltar que as atitudes e funções estão presentes em todas as pessoas, mas em proporções diferentes, e em níveis diferentes de consciência e inconsciência, ou seja, as pessoas possuem características semelhantes – por exemplo, o mesmo tipo psicológico – mas cada uma possui uma singularidade, até porque a nossa psique é dinâmica. De grande valia ressaltar que a tipologia não deve ser utilizada para rotular ninguém, mas é um instrumento para compreensão das diferenças

O COTIDIANO DAS PESSOAS E A INDISCIPLINA

Fazer parte de um grupo é bom e importante para formar pessoas saudáveis, mas viver com harmonia exige que se estabeleçam padrões de comportamento que passam por normas e regras. É na família que iniciamos nosso processo de socialização e aprendemos aquilo que nos será cobrado na escola e na sociedade.

É nesse sentido que Estrela (1994, p. 31) defende que a disciplina é um fenômeno que decorre da sociedade e do seu sistema de ensino. Para ela, se a indisciplina escolar toca a fronteira da delinquência, ela raras vezes é delinquência, pois não viola a ordem legal da sociedade, mas apenas a estabelecida na escola, em função das necessidades de uma aprendizagem organizada coletivamente.

Algumas famílias não estão conseguindo educar seus filhos com referenciais firmes e, por isso, percebemos crianças e adolescentes desmotivados com a situação de hierarquia que é necessária em seu processo de formação.

A vida das pessoas são relações sociais, vida profissional, vida familiar, vida social muitas vezes a vida familiar fica cheia de atribuições onde o papel de educar os filhos é transmitido a outras pessoas quem não possuem vínculos afetivos com essa criança e por esse distanciamento de pais e filho podem ser gerados conflitos onde o limite do certo e do errado pode-se quebrar e se tornar falho.

A disciplina é essencial para o convívio humano e contribui para que as pessoas desenvolvam suas potencialidades e atinjam seus objetivos de vida. No entanto, tornou-se um conceito que precisa ser revisto, procurando acompanhar as evoluções sociais, históricas e das

relações entre as pessoas. Há a possibilidade de se estabelecer com responsabilidade e autonomia normas e regras que o próprio grupo perceba como importantes para seu funcionamento.

Segundo a autora Zagury (1995, p. 53) a criança é incapaz de pensar e sentir pelo outro. Os pais têm que, aos poucos, mostrar-lhes essa realidade, que as outras pessoas têm também tem sentimentos, necessidades e direitos. Pois o direito de todos é igual dentro e fora da escola.

Esta falta de limites entre saber o que é certo ou errado na maior parte das vezes atinge diretamente a educação escolar deste indivíduo, gerando conflitos de educado para educando, de educando para educador ou vice-versa. Esta realidade não é de responsabilidade exclusiva da escola, pois o processo de aprendizagem começa em casa no respeito com as pessoas na sociedade como um todo.

Todos os envolvidos na vida em sociedade devem estar atentos, pois a questão indica sintomas de uma questão maior que a da própria família, mas também, e, sobretudo, da sociedade. Zagury (1995, p. 51) ainda diz

O certo e o errado são termos definitivos, que encerram uma visão maniqueísta do mundo. O certo para uns pode não ser para outros e vice-versa. A falta de contato entre a família cria espaço para o receio de dizer não nas horas onde o erro esta presente como se fosse uma forma de desculpas pelas horas que não estão presentes acompanhando o dia a dia. Creio que todos concordam em muitos casos do que é ou não é educado, polido, sobre o que deve ou não ser ensinado aos filhos.

A verdade é que a disciplina é um termo muito genérico e, quando se refere à escola, somos levados a reduzi-la à indisciplina do aluno e à punição deste contê-lo para torná-lo obediente, passivo, reestruturando à tão prolongada disciplina que neste caso, significa a manutenção da ordem estabelecida.

Há uma interação de elementos significativos e, se alguma parte dessa rede não estiver funcionando bem, trará consequências para todo o corpo que a compõe. Cabe a toda sociedade resgatar a tarefa de dar às crianças, adolescentes e jovens nortes precisos, baseados na honestidade, na solidariedade, no respeito ao semelhante e na perspectiva de crescimento de todos como seres humanos.

3.1 Um esboço do que se considera como realidade da indisciplina

A vida das pessoas são relações sociais; vida profissional; vida familiar; vida social muitas vezes a vida familiar fica cheia de atribulações onde o papel de educar os filhos é transmitido a outras pessoas quem não possuem vínculos afetivos com essa criança e por esse



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Neste ponto, a indisciplina pode estar atrelada ao professor na medida em que se fala de um relacionamento entre docente e aluno. Assim, ambos podem estar trabalhando em conjunto no entendimento do que consideram indisciplina, já que essa compreensão também está vinculada à interpretação dos sujeitos escolares.

Da mesma maneira, entendemos que a indisciplina e autoridade docente podem estar conectadas de forma produtiva, fazendo com que professor e aluno construam conjuntamente o vínculo de autoridade e disciplina, entendendo que esta última pode auxiliar nesse contínuo processo de construção.

Em geral, o trabalho docente é compreendido a partir da equação "ensina-se algo, de alguma forma", preocupando-se apenas com a associação dos conteúdos específicos e métodos utilizados. Um terceiro fator deve ser acrescentado, o da dimensão ética do trabalho docente. Assim, a fórmula pedagógica seria "ensina-se algo, de alguma forma, a alguém específico", delimitando um valor humano e social a esta relação.

Grande parte dos problemas enfrentados hoje, relacionados à indisciplina evocam a questão do "para quê escola?", ideia que parece apontar na mesma direção para a qual o aluno indisciplinado nos chama. Essa questão tem de estar muito bem resolvida para os professores, profissionais privilegiados da educação, que devem ter clareza quanto a seu papel e ao valor do seu trabalho.

Neste sentido, é dever de todos da área educacional se preparar e, principalmente, se disponibilizar a atender às demandas de todo o público discente. Só assim venceremos as barreiras de comportamento, unindo finalmente o real ao ideal. Está realidade não é de responsabilidade exclusiva da escola, pois o processo de aprendizagem começa em casa no respeito com as pessoas na sociedade como um todo.

3.2 Metodologia Empregada

Este trabalho é de caráter teórico-empírico e descritivo-interpretativo, o mesmo tomara a indisciplina como objeto de estudo e os informantes são os educadores como sujeitos. Os sujeitos desta pesquisa são os educadores de 1º a 5º ano da Instituição de Ensino Escola Municipal Polo Rural Lino Gedeão do município de Quirinópolis – Goiás.

Um dos focos de estudo dos pesquisadores da área da educação é a determinação dos fatores que originam a indisciplina na escola. Uma das causas encontradas pela maioria dos pesquisadores está na estruturação e organização da família atual. Tiba (1996, p. 117) afirma que hoje há falência da autoridade, seja em casa, na escola ou na sala de aula. Na maioria das

para auxiliar nesta caminhada de coleta de dados. Sendo utilizado o horário de recreação dos alunos para que os professores com disponibilidade pudessem responder aos questionários com calma e paciência.

A educação formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita por oito mãos: pela escola, pelo pai, pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a correspondência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergência entre pai e mãe.

3.4 Propostas de análises e Resultados obtidos

A seguir os dados em tabela com as respostas obtidas no questionário respondido pelos educadores acerca do conceito de indisciplina. Em seguida, um gráfico com o resultado em porcentagem e, por conseguinte análise dos dados à luz das teorias.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

TABELA 01: O que é indisciplina

O QUE É INDISCIPLINA PARA VOCÊ:	
Primeiro Grupo:	
Bagunça	
Educador A:	A indisciplina é quando os educandos não fazem a tarefa sala de aula e para casa.
Educador B:	Quando os educandos gritam, xingam e desrespeitam o educador.
Educador C:	Conversas fora de hora, brigas e brincadeiras de mau gosto.
Segundo Grupo:	
Depredação	
Educador A:	Quando os educandos jogam papel no chão, penduram lixo nos ventiladores e pregam chicletes e massinhas nas carteiras.
Educador B:	Quando os educandos agredem os colegas fisicamente.
Educador C:	Quando eles rabiscam as paredes, mesas e carteiras.
Terceiro Grupo:	
Descumprimento das normas	
Educador A:	Quando não respeitam as leis da escola.
Educador B:	Quando os educandos são mimados e cheios de caprichos.
Educador C:	Quando não cumprem os combinados da sala de aula.

Fonte: Questionário 2011

Esses grupos são os mais abordados em reuniões pedagógicas quando o tema é a indisciplina as queixas são frequentes quando se fala de limites por parte do educado e a falta de comunicação entre aluno professor. Os educadores se sentem desmotivados e não tem noção de que sua passagem na vida do aluno tenha tanta importância não sabe o valor que tem esse convívio entre ambos. Segundo Tiba (2006, p. 141) “os professores não são orientados de maneira adequada a explorar suas capacidades e aperfeiçoar a qualidade de seu trabalho”. E desconhecem sua importância decisiva na educação dos alunos.

A indisciplina escolar é um sintoma de que algo não vai bem, se há conflitos, a falhas os resultados apontados montaram que a relação estabelecida entre educador e educando na maior parte das vezes é a falta de cumplicidade entre os mesmos.

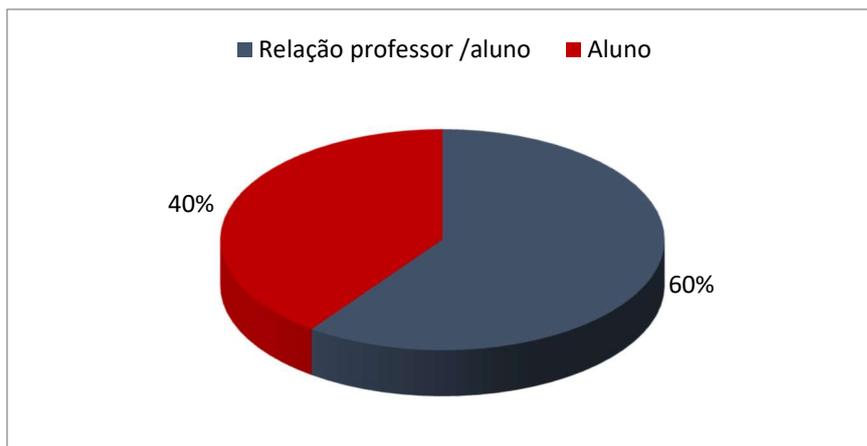


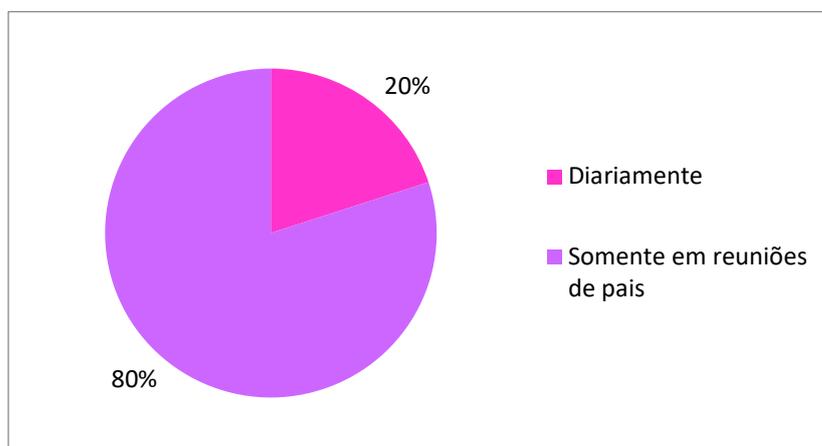
GRÁFICO N°1: Falhas na Disciplina

Fonte: Pesquisa de campo, 2011

Durante a pesquisa foi observado à conduta da relação de todos que convivem diariamente na unidade escolar. Os educadores desta unidade também apontam algumas situações de indisciplina dentro da sala de aula e fora dela são elas, brigas com os colegas falta de respeito com o professor, falta de limites, falta de ética e o bullying, todas essas foram discutida durante este trabalho.

Promover uma mudança de olhar em relação à indisciplina, estudar conceitos de desenvolvimento moral e ético e adotar como conhecimentos necessários ao processo educacional a maioria dos entrevistados responderam que seriam providencias que ajudaria apenas dois discordou a opinião dos educadores. Quando questionados sobre os estímulos recebidos por parte da equipe gestora da falta de disciplina ou indisciplina foram quase unânimes.

GRÁFICO N°2: Frequência de Estímulos Pelo Grupo Gestor

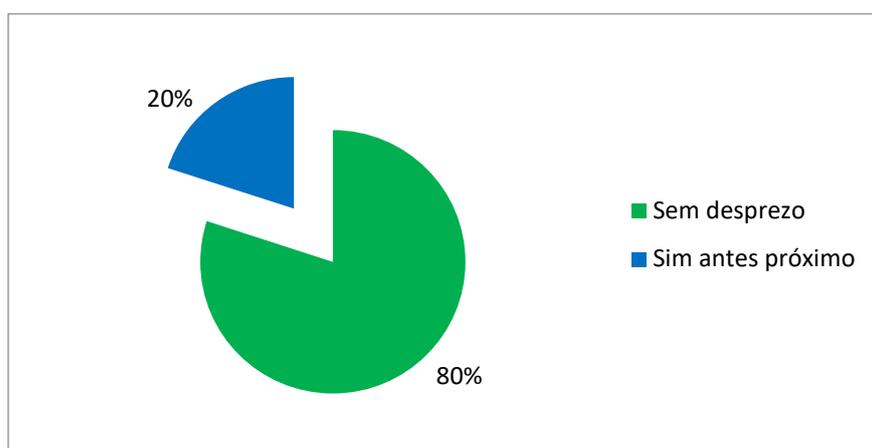


Fonte: Pesquisa de campo, 2011

Esses estímulos são importantes para a elevação da auto-estima e autoconfiança dos educadores. Promovendo a sensação de segurança e estabelecendo limites. “O indivíduo utiliza sua inteligência para superar as dificuldades naturais da vida, a fim de resolver os conflitos de convivência, de buscar a felicidade e não somente a saciedade que o estilo animal procura”. Tiba (2006 p.117)

A conduta de 80% da equipe de docentes que responderam o questionário orienta em relação a trabalho de grupo que todos devem trabalhar juntos sem desprezo ou imposições apenas 20% respondeu q é melhor acolhe-los, pois quando falta a indisciplina antes próxima do que longe.

GRÁFICO N° 4: Trabalho em Grupo



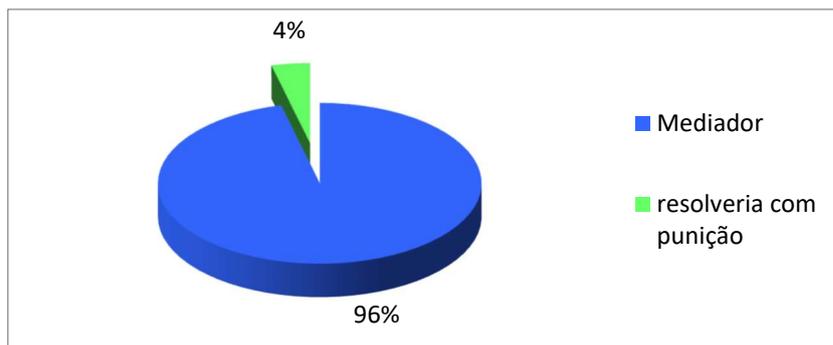
FFonte: Pesquisa de

campo, 2011

A pesquisa afirma que discutir com os alunos o regulamento de uma turma respeitando-o e fazendo-o respeitar ajuda a manter a disciplina no momento das aulas. Reconhecer sentimentos e orientar comportamentos é do cotidiano do professor.

Olhar a relação professor-aluno como fator determinante para as expressões de indisciplina em sala de aula, já tem sido salientado por pesquisadores do tema, conforme demonstrado ao longo do trabalho, possibilitando uma nova leitura sobre indisciplina escolar.

GRÁFICO N° 5: Perfil dos Educadores



Fonte: Pesquisa de campo, 2011

Ficar bravo e com raiva é uma reação natural de qualquer ser humano 80% dos professores entrevistados se encaixa no perfil que “aquela professora que diz ao aluno: você não pode se sentir assim ou você não pode ficar com raiva do seu colega” e seria mediador para ajudar a descrever o problema os outros 20% diz o contrário “que o aluno deve mesmo ter ficado muito bravo, mas bater no seu colega resolveu o problema” e entraria no meio querendo resolver o conflito com punição.

Os resultados obtidos foram que os educadores estão prontos para combater as diferenças e lidar com os alunos indisciplinados sem ter a punição por meio de conversas e sem impor regras absurdas. Ser professor não significa estar sempre certo, não ter problemas psicológicos, ser sempre vítima dos alunos ou ser inocente em todas as situações ocorridas em classe. Tiba (2006, p. 138)

O professor está sujeito às diversas falhas, pois eles são seres humanos como qualquer outro profissional. Segundo Cowley (2006, p. 44): “[...] ensinar não é apenas lidar com alunos indisciplinados, também deveria consistir em desenvolver um relacionamento com os alunos bem comportados em suas classes”.

Por que se a sala de aula é indisciplinada a responsabilidade é do professor, pois sua função é ser um mediador, mas por tanto alguns acham que devem resolver com punições severas. Cowley (2006, p. 63) [...] alguns professores contribuem pessoalmente para a indisciplina de seus alunos. Segundo Tiba (2006, p. 183):

Nesse sentido, os educadores deverão estar preparados para identificar e buscar o envolvimento de alunos com dificuldades em sala de aula e motivá-los a vencer os obstáculos propostos, promovendo um verdadeiro encontro participativo entre eles, de forma a transformar a sala de aula em uma organização social.

Como afirma Zagury (2001, p. 25) “a escola é sempre punida socialmente como responsável pela má educação e conduta de nossas crianças”, exatamente o que despertou o interesse em realizar esta pesquisa. Os professores ficam, por vezes, sem saber como agir e são cobrados pela sociedade, a educação dessas crianças.

Argumentar como a indisciplina em sala de aula tem sido considerada um dos principais desafios que as escolas tem enfrentado no seu cotidiano e o quanto tem sido fonte de inquietude nos professores, a indisciplina ao ser analisada pode envolver vários olhares e interpretações, que não se excluem, mas se interligam.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Sérgio (2006). **A indisciplina e a escola: Um estudo de caso sobre as representações dos docentes do 2º e 3º CEB.** Porto: Universidade Portucalense (dissertação de Mestrado policop).

AMADO, João (2001). **Interação e indisciplina na escola. Porto: Asa.**

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In: (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** 8ª Ed. São Paulo: Sammus, 1996.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens.** Petrópolis: Vozes, 1995.

COWLEY, Sue. **Fazendo os Traquinas se Comportarem.** 2006 Curitiba – PR 1ª edição. Págs. 44 e 63.

CUNHA, M. I. **Repensando a didática – A relação professor aluno 21ª Ed. Ver. e atual –** Campinas, SP: Papirus, 2004.

CURTO, Pedro Mota (1998). **A escola e a indisciplina.** Porto: Porto Editora.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 2. ed. Porto: Porto, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 29ª Ed. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

